



MUSEUS DAS ESCOLAS BRASILEIRAS: DO ENSINO À ARTICULAÇÃO EM REDE

Zita Rosane Possamai
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
zitapossamai@gmail.com

Alana Cioato
Museu Anchieta de Ciências Naturais, Brasil
alanacioatoo@gmail.com

Murilo Carvalho Rodrigues
Prefeitura de Belém, Brasil
muriloc.r@gmail.com

RESUMO

Analisa-se a presença dos museus nas escolas brasileiras a partir de levantamento com base no Cadastro Nacional de Museus (IBRAM) e em estudos realizados, com ênfase em dados quantitativos e na distribuição geográfica. Destacam-se dois movimentos precisos: os museus de História Natural, criados no contexto da modernização pedagógica, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, especialmente o estudo de caso do Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta (Porto Alegre/RS) e os museus vinculados com a memória escolar, cuja criação foi predominante a partir da segunda metade do século XX. O texto aponta ainda a experiência singular do Ecomuseu da Amazônia, as potencialidades dos museus escolares na atualidade e a possibilidade da articulação profissional na Rede Brasileira de Museus e Acervos Escolares (REBMAE) para o aprimoramento desses espaços.

Palavras-chave: Rede Brasileira de Museus e Acervos Escolares (REBMAE); Museu Anchieta de Ciências Naturais; Ecomuseu da Amazônia.

MUSEOS DE LAS ESCUELAS BRASILEÑAS: DE LA ENSEÑANZA AL TRABAJO EN RED

Se analiza la presencia de los museos en las escuelas brasileñas, a partir de un relevamiento basado en el Registro Nacional de Museos (IBRAM) y en estudios realizados, con énfasis en los datos cuantitativos y en la distribución geográfica. Se destacan dos movimientos precisos: los museos de Historia Natural, creados en el contexto de la modernización pedagógica entre finales del siglo XIX y las primeras décadas del siglo XX —especialmente el estudio de caso del Museo de Ciencias Naturales del Colegio Anchieta (Porto Alegre/RS)—, y los museos vinculados a la memoria escolar, cuya creación fue predominante a partir de la segunda mitad del siglo XX. Se señala la experiencia singular del Ecomuseo de la Amazonia, las potencialidades de los museos escolares en la actualidad, así como la posibilidad de articulación profesional en la Red Brasileña de Museos y Acervos Escolares (REBMAE) para el perfeccionamiento de estos espacios.

Palabras clave: Red Brasileña de Museos y Acervos Escolares (REBMAE); Museo Anchieta de Ciencias Naturales; Ecomuseo de la Amazonia.



MUSEUMS IN BRAZILIAN SCHOOLS: FROM EDUCATION TO NETWORKING

ABSTRACT

This study examines the presence of museums in Brazilian schools, based on data from the National Museum Register and previous research, with an emphasis on quantitative data and geographical distribution. It highlights two distinct movements: the Natural History Museums, created in the context of pedagogical modernization between the late 19th and early 20th centuries—particularly the case study of the Natural Sciences Museum of Colégio Anchieta (Porto Alegre/RS)—and the museums linked to school memory, whose creation became predominant from the second half of the 20th century onwards. The paper points out the unique experience of the Amazon Ecomuseum, the current potential of school museums, and the possibility of professional collaboration through the Brazilian Network of School Museums and Collections (REBMAE) to enhance these spaces.

Keywords: Brazilian Network of School Museums and Collections (REBMAE); Anchieta Museum of Natural Sciences; Amazon Ecomuseum.

LES MUSEES DES ÉCOLES BRÉSILIENNES : DE L'ENSEIGNEMENT AU RÉSEAUTAGE

Cette étude analyse la présence des musées dans les écoles brésiliennes, à partir d'un relevé fondé sur le Registre National des Musées et sur les études réalisées, en mettant l'accent sur les données quantitatives et la répartition géographique. Deux mouvements précis sont mis en évidence : les musées d'Histoire naturelle, créés dans le contexte de la modernisation pédagogique entre la fin du XIX^e siècle et les premières décennies du XX^e siècle — notamment l'étude de cas du Musée des Sciences Naturelles du Collège Anchieta (Porto Alegre/RS) —, et les musées liés à la mémoire scolaire, dont la création s'est affirmée à partir de la seconde moitié du XX^e siècle. L'étude souligne l'expérience singulière de l'Écomusée de l'Amazonie, le potentiel actuel des musées scolaires, ainsi que la possibilité d'une articulation professionnelle au sein du Réseau Brésilien des Musées et Collections Scolaires (REBMAE) pour l'amélioration de ces espaces.

Mots-clés: Réseau Brésilien des Musées et Collections Scolaires (REBMAE) ; Musée Anchieta des Sciences Naturelles ; Écomusée de l'Amazonie.

INTRODUÇÃO

Os museus encontraram nas instituições escolares um terreno profícuo para desenvolver sua missão fundamental de perenizar os rastros históricos destinados às futuras gerações. Inicialmente, foram concebidos como instrumentos da modernização pedagógica e do ensino pelos sentidos; ao longo do tempo, contudo, foram reconfigurados e passaram a desempenhar funções voltadas à preservação dos múltiplos registros das memórias produzidas no âmbito escolar. No Brasil, este universo vem sendo investigado, tanto na História da Educação, que



analisa os denominados “museus escolares”¹, bem como a variedade de repertórios documentais conservados (Vidal, 1999, 2007; Poggiani, 2011; Petry, 2013; Petry, Silva, 2013; Bocchi, 2013; Paz, 2015; Silva, 2015; Cioato; Witt, 2016; Braghini, 2017), quanto na Museologia, que se atem principalmente aos processos de musealização, nos quais são evidenciados os procedimentos teórico-metodológicos atinentes à conservação, documentação, exposição de coleções e acervos com a finalidade de educar e construir conhecimentos (Ribeiro, 2015; Alves, 2016; Granato; Ribeiro; Abalada; Araújo, 2018; Santana, 2021; Cioato, 2021; Silveira, 2022).

Neste artigo, apresentamos os resultados do mapeamento² dos museus instalados em escolas brasileiras e analisamos algumas de suas características com o objetivo de compreender mais adequadamente essa tipologia museológica. Primeiramente, expomos alguns dados quantitativos da pesquisa, seguidos de sua análise; posteriormente, focamos nos museus de História Natural criados para o ensino, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, com destaque para o estudo de caso do Museu Anchieta de Ciências Naturais (Porto Alegre/RS); na terceira seção, analisamos os museus criados nas escolas com objetivos vinculados à memória institucional e indicamos algumas potencialidades dos museus escolares na atualidade. Por fim, nas considerações finais, apontamos a Rede Brasileira de Museus e Acervos Escolares (REBMAE) e a articulação interprofissional como possibilidade para o aperfeiçoamento desses espaços no contexto escolar.

A pesquisa baseou-se na coleta e na seleção de dados provenientes de um universo de 3951 museus registrados no Cadastro Nacional de Museus, administrado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), finalizada em 2010³. O levantamento foi realizado por meio dos termos de busca relacionados à denominação do espaço (museu, memorial, centro de documentação, acervo) ou à instituição mantenedora (escola, colégio, educacional), do qual resultaram tão somente 41 espaços identificados. Embora a base do IBRAM registre sete espaços denominados “acervo histórico”, pressupõe-se que muitos outros não sejam

¹ Museus escolares é uma expressão polissêmica que denominou as coleções didáticas produzidas desde o século XIX pelas escolas e por indústrias, como a francesa Maison Deyrolle e a italiana Paravia, entre outras; o termo passou a denominar também essas coleções arrumadas em caixas, armários-vitrines ou salas de aula até a configuração formal de museus nas escolas, conforme Diana Vidal (1999, 2007), Marília Gabriela Petry (2013), Felipe Contri Paz (2015), Cioato (2021), entre muitos outros. No âmbito deste artigo, utilizamos “museus escolares” para denominar museus ou memoriais instalados nas escolas.

² Projeto de pesquisa intitulado *Museus escolares no Brasil em rede: articulação para a valorização do patrimônio histórico-educativo*, apoiado com bolsa produtividade do CNPq (Processo N. 302270/2022-1) para os anos entre 2023 e 2026. Fizeram parte da equipe do projeto: Letícia Julião (UFMG); Emanuela Ribeiro (UFPE) e Bruno Araújo (UFPE).

³ O IBRAM retomou a atualização do Cadastro Nacional de Museus em 2024. Agradecemos ao órgão pelo envio desses dados imprescindíveis para a exequibilidade da investigação.



reconhecidos pelos gestores escolares em seu caráter museal e, por esse motivo, ainda não estejam registrados junto ao IBRAM. Conforme Granato, Ribeiro, Abalada e Araújo (2018), muitas vezes as escolas mantêm objetos e documentos guardados sem maior preocupação com sua preservação ou com sua configuração formal como museu, arquivo ou memorial. Essa característica empírica exigiu também a coleta de informações provenientes da divulgação da Rede Brasileira de Museus e Acervos Escolares (REBMAE), implantada em agosto de 2024⁴. Ademais, os estudos realizados no Brasil constituíram documentos importantes para a identificação de museus não presentes na base de dados federal, especialmente o levantamento realizado por Vânia Siqueira Alves (2016).

MUSEUS NAS ESCOLAS BRASILEIRAS: UMA MIRADA GEOGRÁFICA

Até a data de redação deste artigo, foram identificados 134 museus ou acervos localizados nas escolas ou secretarias de educação⁵. Ao analisar a distribuição geográfica desses espaços, percebe-se que a região Sul concentra a maioria dessas instituições (65), seguida pelas regiões Sudeste (50), Nordeste (17), Norte (4) e Centro-Oeste (1). Museus em escolas estão presentes na maioria dos estados brasileiros; contudo, nas duas regiões menos representadas, encontram-se apenas em Goiás (Centro Oeste), Amazonas e Pará (Norte). Não foram identificados museus nos seguintes estados: Acre, Amapá, Rondônia, Roraima, Tocantins (Norte); Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (Centro-Oeste). Essa tipologia de museu está presente em apenas 76 municípios brasileiros⁶, sendo Espírito Santo o único estado com museus fora da capital é; nos demais estados com museus escolares, pelo menos um está situado na capital. Assim, conforme a região, os museus estão presentes, na região Centro Oeste em apenas um município (Goiânia); na região Norte em três municípios; na região Nordeste em 12 municípios; na região Sudeste em 27 municípios e na região Sul em 36 municípios. Assim, a distribuição de municípios com museus escolares acompanha a distribuição total de museus por região, com o Sul apresentando a maior representação. Se considerarmos o universo de 265.504

⁴ A REBMAE implementada no escopo do mesmo projeto de pesquisa que gerou os dados aqui disponibilizados tem por objetivo principal a articulação das pessoas à frente destes espaços nas instituições escolares e tem como perspectiva definir e implementar estratégias e ações em prol da salvaguarda e da valorização desse importante patrimônio histórico-educativo, em parceria com docentes dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Museologia e Educação, especificamente.

⁵ Devido à característica da instituição mantenedora, não foram incluídos nesse levantamento os museus universitários com acervos escolares, embora alguns deles possam ser mencionados na análise aqui proposta.

⁶ Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2025 somaram 5.570 municípios (IBGE, 2025).



escolas no Brasil nos três níveis de ensino (IBGE, 2024), o número de museus escolares é bastante reduzido.

Embora a grande maioria dos museus esteja localizada nas instituições escolares, é relevante destacar a presença, no Brasil, de quatro museus situados fora da escola e que pretendem abarcar a educação no espectro geográfico estadual⁷, são eles: o Museu da Escola de Minas Ana Maria Casassanta, o Museu da Educação do Distrito Federal, o Museu da Escola Catarinense e o Museu da Escola Paranaense (Taunay, 2021). Uma rápida mirada na história do mais longo museu dessa abrangência, o Museu da Escola de Minas, é digno de nota que este foi inaugurado em 1946 e ocupava inicialmente as dependências do Instituto de Educação de Minas Gerais (IEMG) (Alves, 2016). Esse museu esteve situado em edifício histórico do Centro de Referência do Professor, localizado na Praça Tiradentes, Centro Histórico de Belo Horizonte, vindo, posteriormente, a ser deslocado para o interior das dependências da Escola de Formação de Educadores do órgão estadual. O acervo do museu é composto por artefatos de História Natural destinados ao ensino e provenientes dos laboratórios, bem como por arquivo, biblioteca e outros itens da cultura material escolar. Além deste museu, o Museu da Escola Paranaense e o Museu da Escola Catarinense também receberam como sede edificações históricas de escolas ou grupos escolares. O Museu da Escola Catarinense foi sediado no edifício da Escola Normal, inaugurada na década de 1920 e projetada no âmbito da modernização urbana da capital Florianópolis, onde permanece até o presente. A origem do museu está vinculada ao projeto de ensino, pesquisa e extensão denominado Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense – Museu da Escola Catarinense, desenvolvido pela docente Graça Machado Vandresen, a partir de 1992, no âmbito da Universidade do Estado de Santa Catarina, por meio do qual foram coletados e reunidos artefatos, documentos escritos, iconografia e registros de história oral (Silva; Eggert-Steindel, 2012). No ano 2000, a edificação acima mencionada foi destinada ao museu e, em 2006, a instituição adquiriu legitimidade legal ao assumir a condição de Órgão Suplementar Superior vinculado à Reitoria da UDESC (idem).

Um resultado relevante da pesquisa refere-se ao número de instituições mantenedoras privadas (76, 57%), que ultrapassa aquele das públicas (58, 43%). Dentre as instituições privadas que possuem museus, a diferença é considerável entre escolas laicas (15) e escolas confessionais (61). De fato, alguns dos museus mais longevos ainda em funcionamento também estão localizados nas instituições privadas e confessionais. Esse dado expressa não apenas a

⁷ É importante observar que nenhum desses museus foi identificado a partir da base de dados do IBRAM, mas por visitas e contatos orais por meio da REBMAE.



presença das congregações religiosas na história da educação brasileira, já amplamente investigada no país, mas também a preocupação delas na implantação e na manutenção dos museus nos seus domínios, a exemplo do Museu da Obra Salesiana no Brasil (São Paulo) e do Museu Anchieta de Ciências Naturais (Porto Alegre), entre tantos outros. Se, num primeiro momento histórico, alguns desses museus foram criados para atender à legislação federal, quando desejaram se equiparar ao Colégio Pedro II, com o passar das décadas, muitos deles foram mantidos e ressignificados no âmbito da missão educativa da instituição⁸.

Por outro lado, a presença rarefeita de museus em escolas públicas nas três instâncias de gestão escolar no Brasil tende a indicar a instabilidade na salvaguarda desses acervos e, por consequência, desses museus. Embora nos projetos arquitetônicos de escolas públicas, nas primeiras décadas do século XX, houvesse a definição de um espaço para o museu, conforme demonstram alguns estudos (Possamai, 2009), ou mesmo que tenham sido mapeados museus escolares em estados como Santa Catarina e São Paulo (Pogiani, 2011; Petry; Silva, 2013), o percurso de continuidade e sua materialização sob forma museal ainda resta a ser investigado. O Museu de História Natural Louis Jacques Brunet pode ser considerado o contra-exemplo nesse sentido, pois se constitui em um dos museus mais antigos do Brasil, cuja coleção foi configurada a partir de 1855, numa instituição pública, o Ginásio Pernambucano (Ribeiro, 2015; Santana, 2021). Investigações focadas nas instâncias públicas aqui mencionadas podem, futuramente, descortinar um quadro mais completo desses museus, criados em décadas mais recentes, a exemplo do Museu do Colégio Municipal Pelotense, localizado em Pelotas, Rio Grande do Sul (Amaral, 2014).

Para melhor compreender esses museus, cumpre uma aproximação, embora ainda precária, que contemple os contextos educacionais de criação e itinerário de funcionamento, além das tipologias de acervo. Para tal, optamos por estudos de caso⁹, de modo a destacar apenas alguns museus, inserindo-os em movimentos mais amplos.

⁸ Isso não pressupõe, contudo, que congregações não tenham encerrado as atividades de seus museus, às vezes, fechados com as escolas, a exemplo dos dois museus do Colégio Americano da Rede Metodista, localizado em Porto Alegre.

⁹ Foi decisão da equipe do projeto de pesquisa não abordar as pessoas à frente desses espaços com o envio de questionário a ser respondido sobre o museu, de modo a não onerar ainda mais as gestões. Além disso, buscamos evitar uma metodologia de investigação que poderia gerar poucos dados em razão da parca devolução de questionários respondidos, pois o objetivo principal do projeto era uma pesquisa museológica aplicada para a criação da Rede de Museus e Acervos Escolares (REBMAE).



MUSEUS DE CIÊNCIAS VOLTADOS AO ENSINO

Dos espaços identificados, 18 museus incorporam “Ciências” ou “História Natural” em seus nomes. É conhecido que História Natural agrupou sob uma única nomenclatura e disciplina os saberes que, mais tarde, se especializaram em áreas como Zoologia, Botânica, Mineralogia, Etnologia e Arqueologia (Ribeiro, 2015). Na medida em que mais investigações se aprofundam nessas instituições sob uma perspectiva da microhistória, será possível entender as particularidades de cada um desses museus. Alguns deles possuem coleções de inestimável valor para a Museologia e para a História da Educação. Exemplos incluem a análise empreendida por Felipe Contri Paz (2015) dos bustos raciais presentes no Museu Lassalista (Canoas, RS), no museu do Colégio Americano (Porto Alegre, RS) e no Museu de História Natural do ISERJ (Rio de Janeiro, RJ). Há também a coleção de museus escolares investigada por Cioato (2021) ou, ainda, as coleções de artefatos de ciência e tecnologia estudadas por Katia Braghini (2017), Marcus Granato, Emanuela Ribeiro Sousa, Bruno Melo de Araújo (2018) e outros pesquisadores.

Dentre esses museus, merecem destaque aqueles com maior longevidade, estabelecidos no século XIX ou na primeira metade do século XX, no contexto de uma pedagogia dos sentidos, que enfatizava o contato direto dos estudantes com as coisas do mundo (Buisson, 1911; Valdemarin, 1998; Possamai 1, 2012). Dessa tipologia, podemos citar novamente o Museu Louis Jacques Brunet do Ginásio Pernambucano (Recife, PE), o Museu da Obra Salesiana no Brasil (São Paulo) e o Museu Anchieta de Ciências Naturais (Porto Alegre, RS), entre outros. Deter-me-ei aqui sobre este último caso como um exemplo singular dessa tipologia, a partir das investigações realizadas até o momento (Witt, 2016; Possamai; Witt, 2016; Cioato, 2021; Cioato; Possamai, 2022; Silveira, 2022).

O Museu Anchieta foi fundado em 1908 por iniciativa do Padre suíço Pio Buck¹⁰ (Cioato, 2021). Este naturalista jesuíta dedicou-se à coleta de espécimes da flora e da fauna,

¹⁰ Pio Buck nasceu em Hockdorf, Cantão de Lucerna, na Suíça, no dia 22 de julho de 1883 (Spohr, 2011). Entrou na Companhia de Jesus em Feldkirch, na Áustria, em 1902, e continuou seus estudos em Exaten, na Holanda. Em setembro de 1908, Pio aportou no Brasil como escolástico (Spohr, 2011). Coursou magistério em parte no Colégio Anchieta e outra parte no Colégio Conceição em São Leopoldo. Lecionava história natural, alemão, desenho, inglês, religião, história e taquigrafia (Spohr, 2011). Em 1913, retornou a Holanda, a fim de estudar Teologia, porém, com o início da 1ª guerra mundial, Pe. Pio adiou seus estudos (Spohr, 2011). Em 1917, quando terminou a guerra, retornou aos seus estudos eclesiásticos, sendo ordenado sacerdote no dia 1 de julho de 1917. Retornou ao Brasil, onde passou o resto de sua vida dedicando-se inteiramente a esse apostolado científico. Mantinha correspondência com cientistas de várias partes do mundo, além de não medir forças para requisitar melhorias para o Museu, principalmente quando se tratava do acondicionamento das coleções. Pe. Pio atuou também como capelão do Presídio Central de Porto Alegre, sediado ao lado do Gasômetro, na ponta da península. Faleceu no dia



trabalho que resultou na configuração de 13 coleções. Entre elas estão Entomologia (com 130 mil espécimes), Ictiologia (com 12 mil espécimes), Aracnologia (com 118 espécimes), Ornitologia (com 471 espécimes), Mastozoologia (com 230 espécimes), Herpetologia (com 596 espécimes), Malacologia (com 260 espécimes), Botânica (com 716 exsicatas), Paleontologia (com 1245 lotes), Mineralogia e Petrologia (com 4 mil exemplares), Arqueologia (com 1003 exemplares), Etnografia (com 1568 lotes) e uma coleção didática. A partir de 1932, este naturalista passou a receber a colaboração do Padre Balduino Rambo,¹¹ que se dedicou à pesquisa em Botânica, tendo suas coletas ultrapassado 65 mil exemplares da flora brasileira, além de mais de 1600 páginas de material científico publicado.

O Museu Anchieta foi criado no contexto de equiparação ao Ginásio Nacional, momento também em que *lições de coisas* eram adotadas como metodologia pedagógica do ensino pelos sentidos, conforme mencionado anteriormente. Em suas primeiras décadas de funcionamento, o Colégio Anchieta enfatizou o método intuitivo e adquiriu significativa coleção de museus escolares provenientes da Alemanha, França, Áustria e do Brasil, além do Museu Escolar Brasileiro, série organizada por Joaquim José Menezes Vieira, então diretor do *Pedagogium* (Vidal, 2007), no início da década de 1890 e editada no Brasil pela *F. Briguei & Comp.* Atualmente, no museu, permanecem devidamente conservados um total de 298 quadros parietais que abordam as disciplinas de História Natural, especificamente de Zoologia, Botânica, Anatomia/Fisiologia Humana, Geografia, História, Artes, entre muitas outras matérias (Cioato, 2021). Após o modismo de *lição de coisas*, o museu seguiu utilizando suas

20 de agosto de 1972 aos 89 anos, sendo 69 vividos na Companhia de Jesus, 55 de sacerdócio, e uma vida inteira ao museu.

¹¹ Pe. Rambo nasceu na cidade de Tupandi, então distrito de Montenegro, Rio Grande do Sul, no dia 11 de agosto de 1905 (Spohr, 2011). Desde jovem, demonstrou interesse em Botânica e aprofundou seus estudos nessa área ao dar continuidade ao *Herbarium* do Colégio Anchieta em 1932, projeto iniciado pelo Pe. Pio Buck. A partir desse material, foi criado o Herbário Didático, atualmente guardado no Museu Anchieta. Os outros exemplares da coleção botânica do Pe. Balduino Rambo agora fazem parte do acervo do Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS, localizado em São Leopoldo. Sua obra mais célebre é *A Fisionomia do Rio Grande do Sul* (1942), que continua sendo uma das mais importantes referências sobre a flora do estado. Também lançou livros didáticos para uso nas aulas que ministrava no Colégio. Os livros foram empregados nas décadas de 1930 e 1940, sendo reconhecidos como referência na matéria de História Natural (Paz, 2015). Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi fundador da cátedra de Antropologia e Etnologia, em 1941 (Spohr, 2011). Recebeu a declaração oficial de criação, do que atualmente é um dos maiores atrativos naturais do estado do Rio Grande do Sul, o Parque Nacional dos Aparados da Serra (Spohr, 2011). Pe. Rambo assumiu a direção do Departamento de História Natural, pertencente à Divisão de Cultura da Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul. Nesse órgão, em 1955, apoiado pelos pesquisadores Thales de Lema e Ludwig Buckup, fundou o Museu Rio-Grandense de Ciências Naturais a partir do desmembramento das coleções de história natural do Museu Júlio de Castilhos, provenientes de várias partes do Rio Grande do Sul e tombadas como patrimônio nacional pelo SPHAN, em 1938 (Possamai, 2012; Possamai, Silva, 2023). Além disso, ainda fundou o Instituto Anchietano de Pesquisas, situado em São Leopoldo. Em setembro de 1959, iniciou a publicação da revista *Iheringia*, com uma série de Botânica e outra de Zoologia. Dirigiu tanto o museu como a revista até a sua morte, ocorrida em 1961.



coleções para o ensino em sintonia com outras ideias pedagógicas, a exemplo da Escola Nova e do ensino científico.

FIGURA 1 – Pe. Rambo e Pe. Pio (ao fundo) trabalhando no Museu Anchieta de Ciências Naturais, na antiga sede do Colégio Anchieta, na Av. Duque de Caxias, no centro histórico da capital, em 1942



Fonte: Museu Anchieta de Ciências Naturais.

FIGURA 2 – Quadro parietal da empresa alemã *Hagemann*, adquirido pelo Colégio Anchieta em 1926 (Cioato, 2021)



Fonte: Museu Anchieta de Ciências Naturais.



Durante a atuação dos padres jesuítas, o Museu Anchieta se constituiu, sobretudo, como uma instituição científica, voltada à pesquisa e à formação de coleções. Inseriu-se no movimento dos museus de História Natural e na rede de sociabilidade entre os naturalistas dos museus desta tipologia de várias partes do globo (Lopes, 1997). As correspondências trocadas entre Pio Buck e seus colegas dos museus National Museum of Natural History, Instituto Real Belga de Ciências Naturais, Museu Paraense Emílio Goeldi, entre outros, e países como Alemanha, Argentina, Austrália, Áustria, Bélgica, Canadá, Chile, Espanha, Estados Unidos, França, Holanda, Hungria, Inglaterra, Irã, Itália, Japão, México, Polônia, Suíça, Ucrânia, Uruguai e Venezuela (Silveira, 2022), demonstram a relevância do museu e de suas coleções como local de consulta de pesquisadores internacionais¹².

FIGURA 3 – Professor Fernando Rodrigues Meyer durante oficina de ciências oferecida no museu na década de 1980



Fonte: Museu Anchieta de Ciências Naturais.

Com o passar do tempo, o museu agregou às suas funções de pesquisa e de ensino a função memorialística, seja da escola, seja da Ordem Jesuítica à qual pertence. Um exemplo

¹² Atualmente, as coleções do museu continuam sendo consultadas, a exemplo dos seguintes cientistas: Carla Penz, ex-estagiária do Museu Anchieta de Ciências Naturais, agora pesquisadora de lepidópteros (borboletas) na University of New Orleans; Charles e Lois O'Brien, pesquisadores de coleópteros (besouros) na Arizona State University; David Allen, paleontólogo da Northern Illinois University e Roland Sookias, pesquisador da Oxford University, ambos tendo o *Cerritosaurus binsfeldi* como objeto de estudo, entre outros.



desse aspecto foi a incorporação de uma coleção procedente da atuação dos padres, na década de 1940, no Mato Grosso do Sul e denominada Missão Anchieta, composta por artefatos produzidos pelos povos Rikbaktsá, Nambikwara, Paresí, Irantxe Manoki, Kayabi, Karajá, Ticuna, Xavante, Tapayuna e Apinayée, e por imagens fotográficas de suas atividades na escola e na missão de Utiariti (Melo, 2022).

O Museu, a partir do desaparecimento de seu idealizador, na década de 1970, passou a ser coordenado pelo auxiliar e ex-aluno, que durante muitos anos vinha trabalhando ao seu lado e auxiliando-o na coleta, classificação e organização da Coleção Entomológica (insetos), o já então professor Fernando Rodrigues Meyer (Schneider, 2015). Sob sua coordenação, houve um redirecionamento dos objetivos do museu, com a preponderância das atividades pedagógicas, sobretudo devido ao constante contato mantido entre ele e os alunos. As coleções didáticas tiveram um acréscimo significativo, assim como a visita de turmas e as oficinas oferecidas pela equipe do museu.

FIGURA 4 – Registro de atividade do Curso Profissionalizante em Museologia no ano de 1976 oferecido pelo Museu Anchieta



Fonte: Museu Anchieta de Ciências Naturais.

É digno de nota que o museu se constituiu também em referência na formação em Museologia. A formulação do Curso Profissionalizante de Auxiliar Técnico de Museu - modalidade Ciências Naturais, aconteceu no ensejo das mudanças nas políticas da educação secundarista e universitária do período de 1970 até 1985, sendo seu primeiro ano de



funcionamento em 1976, permanecendo em atividade até 1984 (Bittencourt, 2025). Singular na história do ensino de Museologia no país (Bittencourt, 2025), o curso, sob instrução do professor Fernando Meyer, contou com a participação de 567 alunos e formou muitos professores e pesquisadores, além de muitos estagiários e monitores que trabalharam pelo museu desde sua criação. Alguns professores e pesquisadores renomados passaram por essa experiência, como Ricardo Reis (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), Paulo Andreas Buckup (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Carla Penz (University of New Orleans), Emílio Jeckel Neto (Ex-diretor do MCT-PUCRS), entre tantos outros.

Durante os 117 anos de existência do museu, sua equipe foi composta por jesuítas, servidores, professores, estagiários e monitores. O professor Fernando Meyer, juntamente com as professoras biólogas Dorinha Müller e Silvia Roberta Cramer, permaneceu até 2016 no museu, sendo substituído pelo professor de Física José Francisco Flores. A partir de 2022, a instituição passou a ser gerida por uma museóloga, Alana Cioato. A aproximação com as docentes do curso de bacharelado em Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, ambos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por meio de visitas técnicas acadêmicas, possibilitou que o museu, até então apenas sob o holofote das ciências naturais, da Pedagogia e da História da Educação, viesse a se constituir como laboratório de pesquisa também da Museologia. Atualmente, além da museóloga, o museu conta com a coordenação da professora Tatiane Waldow Ayala, a monitoria da museóloga Gabriela Leindecker e estagiários dos cursos de Museologia, Ciências Biológicas e História. Apesar de sua natureza privada, o museu é gratuito e aberto a pesquisadores, estudantes e visitantes em geral.

O Museu Anchieta de Ciências Naturais exemplifica aqui uma tipologia de museu escolar brasileiro cuja criação inicial esteve estreitamente vinculada ao ensino e à pesquisa e que, no decorrer das décadas, reconfigurou-se e incorporou as funções memorialísticas da instituição mantenedora. Cumpre afirmar que, por sua longevidade, esses museus se constituem em importantes documentos da História da Educação e da Museologia pelo potencial de conhecimento que agregam, não apenas de suas coleções, mas também dos modos de conservar e expor seus acervos.

MUSEUS DE HISTÓRIA DA ESCOLA E OS VENTOS DA SOCIOMUSEOLOGIA

A grande maioria dos museus mapeados não apresenta uma definição disciplinar ou temática em seus nomes, aspecto que poderia contribuir para identificar a tipologia de suas



coleções. Em geral, são chamados de “Museu da escola x” ou “Memorial do Colégio Y”; em algumas situações, também foram denominados por “Centro de Memória”, “Centro de Documentação” ou “Núcleo de Estudos”. São raros os espaços que levam a tipologia, a disciplina ou a temática na sua designação, como o Museu de Etnologia Indígena e de História Natural da Academia Colégio Cristo Redentor (Juiz de Fora, MG) ou o Museu de História da Tecnologia Harald Alberto Bauer (Taquara, RS).

Contudo, muitos desses museus tiveram seu aparecimento vinculado à memória da instituição escolar (Possamai e Witt, 2016; Alves, 2016) e suas coleções se configuraram no amplo espectro do que se convencionou chamar patrimônio histórico-educativo (Viñao Frago, 2010; Felgueiras, 2011; Meda, 2013; Menezes, 2016; Domínguez, 2018). São museus criados principalmente nas últimas décadas do século XX ou no início do século XXI, que acompanham o movimento em prol da preservação dos patrimônios em nível nacional e internacional (Poulot, 1997; Choay, 2001; Chuva, 2009).

As iniciativas de determinados agentes da escola constituem a base dos procedimentos de reunião, guarda e conservação da cultura material, da iconografia e dos registros escritos da instituição. Imbuídos de um *dever de memória* (Ricoeur, 2001), essas pessoas zelam e fazem crescer esses acervos paulatinamente, configurando-os formalmente como museus, memoriais ou centros de documentação, a exemplo do Museu do Colégio Municipal Pelotense (Amaral, 2014), anteriormente mencionado. Nesse processo, importantes coleções são formadas e se tornam objetos de investigações acadêmicas, especialmente no campo da História da Educação, que vislumbra o potencial de conhecimento aportado pela cultura escolar (Faria Filho; Gonçalves; Vidal; Paulilo, 2004), composta, por sua vez, pela cultura material (Silva; Souza; Castro, 2018; Escolano Benito, 2020) e pela cultura visual (Knauss, 2006). Pode-se afirmar que a pesquisa em História da Educação, além de investigar os repertórios documentais reunidos, também estimula e apoia a preservação deles por meio dos museus, dos arquivos e de outras configurações no contexto das instituições escolares.

Ultrapassando a contribuição das coleções preservadas para a história da educação, é importante ressaltar o papel desses espaços para o conhecimento da história local, pois muitas dessas escolas e seus museus se localizam em edificações históricas, muitas vezes tombadas como patrimônio nas instâncias municipais, estaduais ou mesmo nacional. Dar a ver as transformações urbanas pelas quais passou o espaço onde está inserida a escola e sua edificação passa a ser também um importante papel para esses museus, seja na aplicação dos conteúdos curriculares das séries iniciais, seja na variedade de projetos de educação patrimonial (Horta, 2000; Gil; Possamai, 2014; Derreti, 2020). A título de exemplo, pode ser citado o estudo do



Museu Anchieta para demonstrar que a documentação fotográfica e escrita preservada no local tem contribuído para a construção da história da ocupação do Quilombo Silva, primeiro a ser reconhecido no Brasil pela Fundação Palmares, localizado a algumas quadras da escola, em Porto Alegre (Valentim, 2024).

Além desses aspectos, é importante ressaltar que determinados contextos ambientais, culturais, urbanos ou rurais proporcionam que a Sociomuseologia (Primo; Moutinho, 2020) inspire os museus implantados nas escolas, a exemplo do Ecomuseu da Amazônia, localizado no estado do Pará, região Norte do Brasil. Fundado em 2007, pela Prefeitura de Belém no Liceu de Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso, no distrito de Icoaraci, após um ano de existência, foi transferido para a Fundação e Centro de Referência em Educação Ambiental Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira¹³, criada pela Lei nº 7.747 de 02 de janeiro de 1995, localizada na ilha de Caratateua. Este ecomuseu escolar¹⁴ (Rivière, 1985; Varine, 2000; Brulon, 2023), surgiu atendendo as ilhas de Caratateua¹⁵ e Cotijuba, nas baías de Marajó e de Santo Antônio, bem como a ilha de Mosqueiro, em determinado momento. Tem como principal objetivo a preservação da floresta e do território, assim como a valorização dos mestres e mestras e seus saberes e fazeres ancestrais, configurados de forma material, a exemplo da tradição ceramista, ou imaterial, a exemplo das práticas folclóricas, como o carimbó, Cordões de Pássaro¹⁶ e outras danças regionais. O ecomuseu potencializa o reconhecimento da riqueza ambiental e cultural do território e estimula o sentimento de pertencimento da população ribeirinha ao contexto insular e florestal em que vive. Um desses meios é o desenvolvimento do turismo sustentável de base comunitária (TBC) e em articulação a outros Pontos de Memória¹⁷ do lugar, como terreiros de umbanda, meliponicultura e apicultura, artesanato de produção de bijuterias e biomateriais (açaí e látex), de produtos medicinais (andiroba), cosméticos (priprioca) e alimentícios (açaí, cumaru) derivados das plantas da Amazônia.

¹³ Geógrafo e pesquisador da região amazônica.

¹⁴ Primeiro implantado no mundo, o *Ecomuseu du Creusot-Montceau* (França), uma das antenas do território é um museu escolar, além das minas, canal, usinas, e a sede central, localizada no Museu do Homem e da Indústria. Contudo, o ecomuseu da Amazônia diferencia-se deste por ter sido fundado em uma instituição escolar, ao contrário do ecomuseu francês, cujo museu escolar é apenas um dos espaços no território compartilhado por várias comunidades e reunida na Comunidade Urbana Creusot Montceau.

¹⁵ Também denominada por Outeiro, nome português negado pela população local, que valoriza o nome indígena que remete ao cará, tubérculo cultivado na região.

¹⁶ Manifestação cultural tradicional do Pará da Belle Époque que vincula teatro e ópera e tem como referência os pássaros da região.

¹⁷ Pontos de Memória é uma política pública do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM/MINC) que reconhece determinados espaços culturais com características históricas ancestrais, como terreiros, museus comunitários, quilombos, aldeias indígenas, entre muitos outros.



Iniciativas como a do Ecomuseu da Amazônia podem indicar o potencial que apresenta a Sociomuseologia, para além das práticas em educação museal com as escolas e seu entorno, historicamente presentes nos museus brasileiros (Santos, sd) para a implantação e a valorização de museus escolares. Nessa perspectiva, o museu pode ultrapassar os muros da instituição mantenedora de modo a criar vínculos e diálogos com as populações do entorno, do bairro ou mesmo do município onde está localizado. Dessa forma, o museu transcende a sua preocupação com a memória institucional e passa a atentar para as práticas culturais e para os patrimônios locais do lugar onde está inserido, criando laços de pertencimento e também possibilidades de desenvolvimento em contextos urbanos sensíveis, a exemplo de favelas e zonas sob risco decorrentes das emergências climáticas.

MUSEUS DAS ESCOLAS EM REDE: CONSIDERAÇÕES

Num universo de mais de quatro mil museus brasileiros, conforme o Cadastro Nacional do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), a porção de museus escolares pode parecer diminuta, conforme mostramos. Contudo, as coleções preservadas por essa centena de instituições espalhadas pelas regiões do Brasil demonstram a relevância, a riqueza e o potencial que apresentam esses espaços para o conhecimento científico e para a diversidade do patrimônio histórico educativo brasileiro.

A exemplo de iniciativas internacionais¹⁸ e mesmo de projetos que visam criar redes locais¹⁹ de articulação entre esses espaços, a Rede Brasileira de Museus e Acervos Escolares (REBMAE) foi criada em 2024 com o propósito de se constituir em espaço de reunião e interlocução entre os agentes à frente desses museus nas escolas. Como projeto situado no campo da Museologia, seus objetivos ultrapassam a pesquisa acadêmica sobre o patrimônio histórico-educativo e coloca-se na perspectiva aplicada de aperfeiçoar os processos museológicos no interior dos espaços existentes e fomentar a criação deles nas escolas. No primeiro aspecto ficaram evidentes, nas conversas e diálogos entre as pessoas do grupo²⁰, as

¹⁸ Associações, grupos, projetos e redes têm sido criados com o intuito de articular pesquisadores e gestores dos patrimônios histórico-educativos, como *Huellas de la Scuola* (Argentina); Sociedade Espanhola para o Estudo do Patrimônio Histórico-Educativo – SEPHE (Espanha); Sociedade Italiana para o Estudo do Patrimônio Histórico-Educativo – SIPSE (Itália); Rede Ibero-americana para o Estudo do Patrimônio Histórico-Educativo – RIDPHE (Brasil, Espanha e Portugal); entre outros.

¹⁹ É exemplo o Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação – GRUPHME, sob coordenação da Professora Giani Rabelo (UNESC), que engloba 27 escolas da rede estadual, cujos acervos estão reunidos de modo virtual no Centro de Memória da Educação do Sul de Santa Catarina (CEMESSC).

²⁰ Citamos alguns dos responsáveis pelos museus que sistematicamente estiveram presentes nas reuniões mensais da REBMAE, embora vários outros tenham participado uma única vez: Elisabeth Monteiro da Silva (Museu



problemáticas e situações comuns enfrentadas pelas instituições, tais como: falta de compreensão do papel do museu pelas direções da escola; falta de recursos humanos e materiais; falta de autonomia administrativa; falta de visibilidade interna e externa, entre outras. Diante de tantas demandas e precariedades mencionadas, a definição de metas para a REBMAE em sua constituição como rede de pessoas era imprescindível, pois os nossos limites de atuação eram evidentes. Nesse sentido, o Plano Estratégico definido coletivamente para a REBMAE indicou justamente como prioritárias as áreas concernentes à cadeia operatória museológica: conservação e documentação, tendo em vista que muitos destes espaços ainda não alcançaram o padrão mínimo desejado como instituição museal. Por outro lado, as carências relacionadas aos recursos humanos e materiais indicaram a necessidade de alcançar maior visibilidade dessa tipologia museal específica no âmbito das políticas culturais públicas e de preparar seus gestores e suas gestoras para buscar esses recursos nas instâncias disponíveis (Editais, Leis de Incentivo, agências, etc), especialmente por meio de parcerias com as universidades. Cumpre mencionar, ainda, que muitos desses espaços existentes com característica arquivística ou denominados “centros de memória” podem alargar seu escopo abarcando os repertórios áudio-visuais e materiais, aspecto contemplado na especificidade da instituição museológica. Esse deslizamento dos escritos para uma concepção ampla de cultura escolar permite a preservação de documentos inestimáveis sobre a história da educação que, de outro modo, desapareceriam.

Além de seu papel relevante no aprimoramento dos espaços existentes, a REBMAE coloca-se como fomentadora de processos museológicos com a finalidade de valorizar os repertórios documentais, imagéticos e materiais no âmbito da escola e que ainda não foram musealizados ou patrimonializados. Nessa perspectiva, os resultados alcançados são muito interessantes, pois, a presença dos representantes da REBMAE em eventos principalmente tem alertado educadores e educadoras para a potencialidade desta tipologia museal, muitas vezes ainda inexistente nas suas instituições²¹. Esse movimento é imprescindível especialmente

Histórico do Colégio Pedro II/RJ; Francisca Lima (Museu Louis Jacques Brunet/PE); Marcos Lima (Museu da Obra Salesiana/SP); Murilo Carvalho Rodrigues (Ecomuseu da Amazônia); Alana Cioato e Gabriela Leindecker (Museu Anchieta de Ciências Naturais); Angelita da Rosa (IFSUL). Também participaram das reuniões com assiduidade mestrandos e mestrandas do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul vinculados ao projeto de pesquisa: Morgana Silveira Barth, Javiera Martinez Orellana, Sergio Luiz Valentim, Lucas Wendt, e a bolsista de científica, acadêmica do Curso de Museologia Bianca Legunes. Ressaltamos que os diálogos e as comunicações se efetivam, muitas vezes, por meio das mensagens eletrônicas, aspecto que multiplica a participação dos membros da Rede.

²¹ Como exemplo, três museus desta tipologia foram criados na cidade do Rio Grande, estado do Rio Grande do Sul, a partir do contato da professora coordenadora do PET História da Universidade Federal do Rio Grande com a coordenação da REBMAE, além do interesse na criação de museus escolares nos estados do Espírito Santo e Tocantins.



naqueles estados e naquelas regiões do extenso território brasileiro que ainda não possuem museus escolares.

A adesão de aproximadamente 50% dos espaços mapeados à REBMAE e a presença constante de um determinado grupo nas reuniões mensais demonstram a importância desse espaço de troca de ideias e de práticas e do rompimento com o isolamento que muitos desses profissionais vinham sentindo. Na maioria das vezes, essas pessoas são professores e professoras da própria escola, aos quais foi dada ou conquistada a tarefa de zelar pelo patrimônio histórico institucional. Raras vezes são profissionais dos campos específicos vinculados à gestão de instituições culturais, museológicas ou arquivísticas e, quase nunca, podem contar com esses profissionais nesses locais, embora alguns estejam inseridos em cidades e estados com formações em Museologia em universidades federais próximas.

Nessa direção, os investimentos ultrapassaram o escopo do previsto no projeto de pesquisa e abarcaram, entre outras atividades: a elaboração da publicação de um Guia de Museus Escolares Brasileiros com o apoio do IBRAM, composto pelo arrolamento dos museus levantados na pesquisa e com o destaque de informações sobre um museu selecionado por região do Brasil; a definição de um planejamento estratégico com a definição de estratégias, ações e metas para orientar a atuação da Rede nos aspectos considerados frágeis, que colocam as coleções em risco²²; a articulação de políticas públicas de valorização da tipologia museológica em questão²³.

Para concluir, o cenário que se descortina demonstra que a preservação do patrimônio histórico-educativo pelas instituições escolares brasileiras, por meio especialmente dos museus implantados, se constituiu em fruto de iniciativas de pessoas e de instituições e, graças a esses guardiões, foram perenizados acervos e coleções, cujas investigações permitem aprofundar o conhecimento sobre diferentes aspectos da História da Educação e da Museologia no Brasil. Cumpre, no âmbito das políticas públicas e das articulações entre agentes, proporcionar que esses museus sejam valorizados e que a conservação, a documentação e a exposição de suas coleções estejam asseguradas a públicos mais amplos que aquele vinculado exclusivamente à escola. Finalmente, dar visibilidade aos museus e aos acervos das escolas também proporciona

²² Nesse aspecto, podem ser citadas: em 2024, a divulgação das formações *on line* disponibilizadas pelo IBRAM sobre conservação e documentação museológica e, em 2025, a realização de uma capacitação ministrada por reconhecidos profissionais da área, sobre Captação de Recursos no âmbito da Política Nacional Aldir Blanc, que visou instrumentalizar as pessoas gestoras para submissão de projetos nos editais estaduais e municipais.

²³ Os museus escolares foram incorporados no Eixo 2 da Política Nacional Setorial de Museus (2025-2035), aprovada pelo IBRAM em 2024, em Fortaleza (Brasil, 2025).



conhecer raros patrimônios brasileiros construídos, em razão da escolarização obrigatória, por cada uma das pessoas que passou pela escola ao longo de sua vida.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Vânia Maria de Siqueira. **Museus escolares no Brasil: de recurso de ensino ao patrimônio e à museologia**. 2016. 297 f. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2016.
- AMARAL, Giana Lange do (Org.). **Museu do Colégio Municipal Pelotense**. Pelotas: EDUCAT, 2014.
- BITTENCOURT, Lizandra Caon. **Curso profissionalizante de auxiliar técnico de museu - modalidade Ciências Naturais, do Museu Anchieta de Ciências Naturais: evidências documentais do ensino da Museologia no Sul do Brasil**. 2025. 119 f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2025.
- BOCCHI, Luna Abrano. **A configuração de novos locais e práticas pedagógicas na escola: o museu escolar, os laboratórios e gabinetes de ensino do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo (1908-1940)**. 2013. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2013.
- BRAGHINI, Katia Mitsuko Zuquim. O que os objetos científicos nos contam sobre a educação dos sentidos, na passagem do século XIX para o século XX? *In*: BRAGHINI, Katia Mitsuko Zuquim; MUNAKATA, Kazumi; OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de (Orgs.). **Diálogos sobre a história da educação dos sentidos e das sensibilidades**. Curitiba: Ed. UFPR, 2017. p. 67-91.
- BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto Brasileiro de Museus. **Plano Nacional Setorial de Museus PNSM 2025-2035**. Brasília: IBRAM, 2025.
- BRULON, Bruno. A invenção do Ecomuseu: o caso do Ecomusée du Creusot Montceau-Les-Mines e a prática da museologia experimental. **MANA**, v. 21, n. 2, p. 267-295, ago. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/6h57ScQ68skw5dZVV6fLBxQ/>. Acesso em: 20 mai. 2023.
- BUISSON, Ferdinand. **Dictionnaire de pédagogie et d'instruction primaire**. Ed. 2. Paris: Librairie Hachette et Cie, 1911. 2100 p.
- CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Editora UNESP, 2001. 283 p.
- CHUVA, Márcia Regina Romeiro. **Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940)**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. 488 p.



CIOATO, Alana. **“L'enseignement par les Yeux”: uma coleção de quadros parietais no Museu Anchieta de Ciências Naturais (Porto Alegre, RS)**. 2021. 135 f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

CIOATO, Alana; POSSAMAI, Zita Rosane. Ensinar pelas imagens: a coleção de quadros parietais do Museu Anchieta de Ciências Naturais (Brasil). In: BLANCO, Carmen S. (org.). **La modernización de la enseñanza tras la ley general de educación: contextos y experiencias**. Valencia: Tirant Humanidades, 2022. p. 209-233.

DERRETI, Valdinei. **Ensinar história na cidade: uma proposta de educação patrimonial para Guaramirim/SC**. 2020. 188 fl. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

DOMÍNGUEZ, Pablo Álvarez. Mapeo de la museología de la educación en España: aproximación al estado de la cuestión. **História da Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 55, p. 293-313, mai./ago. 2018.

ESCOLANO BENITO, A. INVITACIÓN A REPENSAR LA CULTURA MATERIAL DE LA ESCUELA. **Rev. Iberoam. Patrim. Histórico-Educativo**, Campinas, v. 6, p. 1-19, 2020.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; GONÇALVES, Irlen Antônio; VIDAL, Diana Gonçalves; PAULILO, André Luiz. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Herança educativa e museus: reflexões em torno das práticas de investigação, preservação e divulgação histórica. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, v. 11, n. 1 (25), p. 67-92, 2011. Disponível em: <http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/16/59>. Acesso em: 19 mai. 2012.

GIL, Carmem Zeli de Vargas; POSSAMAI, Zita Rosane. Educação patrimonial: percursos, concepções e apropriações. **Mouseion**, Canoas, n. 19, p. 13-26, dez. 2014. DOI: 10.18316/1874.

GRANATO, Marcus; RIBEIRO, Emanuela Sousa; ABALADA, Victor Emmanuel Teixeira Mendes; ARAÚJO, Bruno Melo de. Objetos de ensino e o patrimônio cultural de ciência e tecnologia no Brasil e em Portugal: contribuições sobre levantamentos e inventários como instrumentos de preservação em escolas de ensino médio. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 26, p. 1-41, 2018. Disponível em: <https://revistas.usp.br/anaismp/article/view/145881>. Acesso em: 23 out. 2025

HORTA, Maria de Lourdes P. Fundamentos da educação patrimonial. **Ciências & Letras**, Porto Alegre, n. 27, p. 13-24, 2000.

IBGE. **Cidades@: Brasil: Pesquisa: Censo escolar - sinopse: Ensino básico**. 2024. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/13/7811>. Acesso em: 23 out. 2025.

IBGE. **Brasil: Cidades e Estados**. 2025. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 23 out. 2025.



KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. **Artcultura - Revista do Instituto de História da UFU**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, 2006.

LOPES, Maria Margareth. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1997. 372 p.

MEDA, Juri. La conservazione del patrimonio storico-educativo: il caso italiano. In: MEDA, Juri; BADANELLI, Ana María (ed.). **La storia della cultura scolastica in Italia e in Spagna: bilancio e prospettive**: atti del I Workshop italo-spagnolo di storia della cultura scolastica (Berlango de Duero, 14-16 novembre 2011). Macerata: EUM, 2013. p. 167-198.

MELO, Roberta Madeira de. **Os povos originários e a Coleção Missão Anchieta: da musealização ao repatriamento virtual (Museu Anchieta de Ciências Naturais, Porto Alegre, RS)**. 2022. Projeto de Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

MENEZES, Maria Cristina. **Desafios iberoamericanos: o patrimônio histórico-educativo em rede**. São Paulo: CME/FEUSP, 2016. Série Patrimônio Histórico Educativo, v. 1. 585 p.

PAZ, Felipe Rodrigo Contri. **Cultura visual e museus escolares: representações raciais no museu Lassalista (Canoas, RS, 1925-1945)**. 2015. 190 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

PETRY, Marília Gabriela; SILVA, Vera Lucia Gaspar da. Museu escolar: sentidos, propostas e projetos para a escola primária (séculos 19 e 20). **História da Educação**, Porto Alegre, v. 17, n. 41, p. 79-101, set./dez. 2013.

PETRY, Marília Gabriela. **Da recolha à exposição: a constituição de museus escolares em escolas públicas primárias de Santa Catarina (Brasil-1911 a 1952)**. 2013. 222 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

POGGIANI, Ana Maria Lourenço. **Os museus escolares na primeira metade do século XX: sua importância na educação brasileira**. 2011. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Santos, Santos, 2011.

POSSAMAI, Zita Rosane. Uma escola a ser vista: apontamentos sobre imagens fotográficas de Porto Alegre nas primeiras décadas do século XX. **História da Educação**, Pelotas, v. 13, n. 29, p. 143-169, set./dez. 2009.

POSSAMAI, Zita Rosane. “Lição de Coisas” no museu: o método intuitivo e o Museu do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, nas primeiras décadas do século XX. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, Tempe, v. 20, n. 43, 2012. Disponível em: [\[http://epaa.asu.edu/ojs/1124\]](http://epaa.asu.edu/ojs/1124). Acesso em: 23 out. 2025.

POSSAMAI, Zita Rosane; WITT, Nara Beatriz. Ensino e memória: os museus em espaço escolar. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, v. 29, n. 44, p. 7-15, jun. 2016.

POSSAMAI, Zita Rosane; SILVA, Ana Celina Figueira da (Org). **Museu Julio de Castilhos: histórias e perspectivas**. Porto Alegre: Cirkula, 2023. 653 p.



POULOT, Dominique. **Musée, nation, patrimoine: 1789-1815**. Paris: Gallimard, 1997. 406 p.

PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário C. (Orgs.). **Teoria e prática da Sociomuseologia**. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2020. 326 p.

RIBEIRO, Emanuela Sousa. Sobreviveu, quem diria: o processo de musealização do gabinete de história natural do ginásio pernambucano no século XX. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Anais [...]** João Pessoa: UFPB, 2015. p. 1-20. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/view/3156/1208>. Acesso em: 23 out. 2025.

RICOEUR, Paul. **La mémoire, l'histoire, l'oubli**. Paris: Seuil, 2001. 736 p.

RIVIÈRE, Georges Henri. Définition évolutive de l'écomusée. **Museum**, Paris, n. 148, p. 182-183, 1985.

SANTANA, Pollyne Ferreira de. **O museu na escola: a coleção de modelos didáticos para o ensino de botânica do Museu Louis Jacques Brunet/ Ginásio Pernambucano (1893-1934)**. 2021. 237 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. **Museu, escola e comunidade: uma integração necessária**. Salvador: Bureau, 1987. 215 p.

SCHNEIDER, Dário. **Tradição jesuítica: educação, identidade e sentimento de pertencimento em uma história de vida do Colégio Anchieta**. 2013. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SILVA, Camila Marchi da. **Museus escolares no Estado de São Paulo (1879-1942)**. 2015. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

SILVA, Vera Lucia Gaspar; EGGERT-STEINDEL, Gisela. Museu da Escola Catarinense: uma Biografia. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 14, n. 29, p. 381-420, jul./dez. 2012.

SILVA, Vera Lucia Gaspar; SOUZA, Gisele; CASTRO, César Augusto (Orgs.). **Cultura material escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades**. Vitória: EDUFES, 2018. 460 p.

SILVEIRA, Luisa Menezes da. **“Eu não coleciono borboletas”: Pio Buck (1883- 1972) e as práticas científicas no Museu Anchieta de Ciências Naturais (Porto Alegre/RS)**. 2022. 214 fl. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

SPOHR, Inácio. **Memória de 665 Jesuítas**. Porto Alegre: Pallotti, 2011. 800 p.
TAUNAY, Maria Paula Vasconcelos d'Escragnolle. Rede de museus de educação. In: III CONGRESSO INTERNACIONAL E V CONGRESSO NACIONAL DE MOVIMENTOS



SOCIAIS E EDUCAÇÃO, 2021, Vitória da Conquista. **Anais [...]**. Vitória da Conquista: UESB, 2021. p. 1-13. Disponível em: <https://anais.uesb.br/index.php/cicnmse/issue/current>
Acesso em: 23 out. 2025.

VALDEMARIN, V. T. Método intuitivo: os sentidos como janelas e portas que se abrem para um mundo interpretado. In: SOUZA, R. F.; VALDEMARIN, V. T.; ALMEIDA, J. S. (Orgs.). **O legado educacional do século XIX**. Araraquara: UNESP, 1998. p. 63-105.

VALENTIM JUNIOR, Sergio Luiz. **Patrimônio e Quilombo: estudo de caso do Quilombo Lemos (Porto Alegre, RS)**. 2024. Projeto de Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024.

VARINE, Hugues de. O ecomuseu. **Ciências & Letras**, Porto Alegre, n. 27, p. 61-90, 2000.
VIDAL, Diana Gonçalves. Por uma pedagogia do olhar: os museus escolares no fim do século XIX. In: VIDAL, Diana Gonçalves; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de (Org.). **A memória e a sombra: a escola brasileira entre o Império e a República**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 107-116 p.

VIDAL, Diana Gonçalves. O museu escolar brasileiro: Brasil, Portugal e França no âmbito de uma história conectada (final do século 19). In: FERNANDES, Rogério; LOPES, Alberto; FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Orgs.). **Para a compreensão histórica da infância**. Porto: Campo das Letras, 2007. p. 239-264.

VIDAL, Diana; SILVA, Vera Gaspar. Por uma história sensorial da escola e da escolarização. **Linhas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 29–45, jul./dez. 2010.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Memória, patrimonio y educación. **Educatio Siglo XXI**, Murcia, v. 28, n. 2, p. 17-42, 2010.

Recebido em: 25 de outubro de 2025.
Aceito em: 20 de dezembro de 2025.